

Tempo: lógica e sentimento

Sol Aparício

Tradução: Paulo Marcos Rona

“Tenho muita tristeza desde que minha avó morreu”.

Preocupada quanto a situar o evento no tempo, perguntei quando essa morte havia ocorrido, para no mesmo instante ouvir responder: “recentemente há muito tempo”.

Essa breve troca, tendo sido várias vezes repetida no curso das entrevistas que se seguiram, adquiriu para mim o valor de uma verdadeira pequena comédia cujo efeito cômico parecia-me responder à inadequação da pergunta colocada.

Sem dúvida não havia para mim nada a ouvir ali senão esse dizer fazendo evento da morte da avó para essa mulher.

A liberdade que ela parecia se conceder frente aos imperativos de ordem lógica, aos quais a “alfabestização”¹ submete os seres falantes desde sua tenra idade, havia me deixado perplexa. Somente mais tarde esse “recentemente há muito tempo” – figura de estilo singular, simultaneamente elipse e antítese, como também holófrase –, acabou enfim por ressoar como uma frase no estilo de Novarina²: “recentemente (diz a tristeza que experimento) há muito tempo (diz você, você que mora no tempo)”.

Ora, o que era essa intervenção senão um chamado ou lembrança³ do tempo, quer dizer, do discurso?

Morar no tempo, não é isso próprio de todo sujeito falante desde que o tempo, como queria Kant, antes de ser um dado da experiência, é uma forma a priori de nossa compreensão? Anterioridade da lógica em relação ao vivido. Universalidade da categoria à qual ninguém escapa. Não haveria, portanto, falando propriamente, o “fora do tempo” possível para os corpos falantes. E, no entanto, a experiência analítica é bem aquela da insistência sempre presente daquilo que permanece, não modificado, desabitado do tempo, que o tempo não poderia prender.

Percebe-se então a pertinência desse comentário de Lacan a propósito da repetição: “a função-tempo é aqui de ordem lógica, e ligada a uma colocação em forma significante do real”. Habitar o tempo é se prestar a essa colocação em forma. É o caso na análise. Qualquer que seja o real com o qual o sujeito tenha a ver, a regra analítica o submete à tarefa de sua colocação em forma significante, de sua submissão ao tempo do discurso.

¹ (N.T.) *alphabétisation*, no original, apresentando uma corruptela da palavra *alphabétisation* (alfabetização) pela inclusão da sonoridade de bête (bobo).

² (N.T.) Valère Novarina, autor dramático contemporâneo francês, autor, dentre outras peças de “Vous qui habitez le temps”.

³ (N.T.) (r)appel, no original. Não encontrando uma única palavra que pudesse expressar o duplo sentido que a inclusão de uma letra provoca no francês, optou-se por incluir os dois através de duas palavras.

Daí os bruscos surgimentos, no curso da análise, não tanto de um sentimento do tempo, quanto de uma consciência súbita de sua existência.

O sentimento do tempo do qual fala o poeta é aquele do tempo que passa. Sentimento frequentemente melancólico, marcado de remorsos e recriminações. Algumas vezes, antes, tingido de angústia. Ele sempre supõe a antecipação, a retroação, a rememoração, ou, dito de outra maneira, a estrutura da memória freudiana.

É necessário portanto distinguir esse sentimento que torna, por certo, o tempo presente, das ocasiões de realização do tempo nos quais o efeito de desejo é evidente. Pensemos nesses momentos nos quais surgiu a idéia de um termo, freqüentemente sob a figura da morte.

"Se devo morrer, melhor que me desperte", diz um analisante perdido em seus temores hipocondríacos. Vem-lhe então como num relâmpago: "Que perda de tempo, a neurose!"

Para um outro, saído de uma doença grave, depois de longos anos de análise, isso se formula em um voto urgente de "passar a Outra coisa". Pressa de passar ao ato, diríamos, de abreviar o gozo do sintoma. Presença súbita do desejo, para o qual, como dizia Blanchot, "o fazer tem primazia sobre o ser".

O discurso analítico que, aos olhos do profano, parece desdenhar o tempo, introduz de fato o sujeito à sua tomada em conta. Tomada em conta que constitui, além do mais, a condição de possibilidade de um viver em seu tempo.

Como consegue isso? Pelo desvio de sua submissão ao tempo do sujeito, tempo que em si só determina a duração incompressível de seu percurso. Que essa duração não possa ser antecipada não quer dizer que o analista a ignore. Ao contrário mesmo, se ele estiver à altura de apreender nela a estrutura lógica na qual ele mesmo se encontra tomado. Quer dizer, de localizar os instantes de ver, de respeitar os tempos de compreender e de reconhecer os momentos de concluir que não advêm sem ele.